

A reintegração social dos presos em Guarapuava

Harald Essert
Guarapuava

O governo estadual quer reformar todo o sistema penal do Paraná. A Secretaria Estadual de Justiça lançou em 2011 um plano diretor para todas as unidades prisionais que, em muitos aspectos, é inspirado nas unidades penais de Guarapuava. O objetivo é conseguir um sistema mais eficiente de recuperação dos presos e que respeite integralmente a Lei de Execuções Penais. A PIG (Penitenciária Industrial de Guarapuava) e o Crag (Centro de Regime Semiaberto de Guarapuava) são considerados modelos nacionais na reintegração social dos internos.

Mesmo com as dificuldades inerentes a todas as estruturas estatais, desde 2000 as duas unidades penais têm conseguido manter em funcionamento todos os serviços necessários à reintegração social, o que resulta em baixos níveis de reincidência – ou seja, previne que as pessoas que passaram pelo sistema penal venham a cometer novos crimes.

Embora seja reconhecido como o caminho mais eficiente de reduzir a reincidência, o tratamento prisional através do trabalho e

do estudo ainda é privilégio da minoria dos presos no Paraná. Segundo as estatísticas do Depen (Departamento Penitenciário do Paraná), apenas 12% dos presos estão em laborterapia (trabalho) e 11% em atividade educacional.

Enquanto isso, nas unidades penais de Guarapuava, 94% dos presos estão matriculados nas aulas, seja no ensino fundamental ou médio, e 80% trabalham nas empresas conveniadas ao Estado que funcionam dentro da estrutura dos presídios e nos campos de trabalho internos.

Em termos práticos, isso resulta em uma redução significativa da reincidência. Embora não haja dados oficiais, calcula-se que menos de 8% dos presos que passaram pelas unidades penais de Guarapuava regressam ao sistema prisional. Enquanto isso, segundo o Departamento Penitenciário Nacional, a reincidência média no país gira em torno de 60%.

Segundo o diretor da PIG, Anderson de França Uchak, a Lei de Execuções Penais do Brasil, elaborada em 1984, passou a tratar o sistema prisional de uma forma diferente do que as penitenciárias representavam até então. Se antes a punição era tida como a mera reclusão do apenado

e a privação dos seus direitos (o que ainda resulta na formação de uma população delincente e marginal), a nova LEP brasileira encarrega o sistema penal de fazer a reintegração social dos presos. Ou seja, devolver à sociedade indivíduos melhores do que aqueles que foram presos.

“A nossa LEP é tida pelos juristas como a melhor do mundo, de tão completa. Mas o fato é que as outras unidades, no Paraná e no Brasil, não conseguem cumprir o que determina a lei. A partir do momento, o processo de reintegração social consegue acontecer, e os resultados são fantásticos”, afirmou Uchak.

Conforme o diretor, a PIG não fornece aos presos nada além do que estabelece a lei, sendo que o código prevê ao apenado o direito ao trabalho, à educação, à saúde, à assistência jurídica e à assistência social. Todos os serviços que são prestados nas unidades penais de Guarapuava. “Então, não estamos fazendo nada de bonzinho aqui. Simplesmente cumprimos o que a lei determina. E a unidade facilita isso também, porque a PIG foi concebida desde o princípio para ser uma penitenciária industrial, o que nos confere o



Além de dar ocupação aos internos, o trabalho na penitenciária resulta em remuneração, qualificação e redução da pena. As atividades reduzem significativamente a reincidência

espaço físico e a estrutura para tudo isso”.

Uchak lembrou ainda que a oferta desses direitos garante também o controle sobre os presos. “Não podemos esquecer, antes de tudo, que eles são seres humanos. E para termos controle sobre eles, eles têm que ter algo a perder. Já perderam a liberdade e grande parte dos direitos. Mas, a partir do momento em que perderem a dignidade, perderão também o medo, e aí não teremos mais controle sobre eles”.

Para a juíza de Direito da Vara de Execuções Penais e da Corregedoria dos Presídios da Comarca de Guarapuava, Christine Kampmann Bittencourt, a manutenção desse modelo é primordial para a eficiente reintegração social dos presos. “Se mantivermos sempre uma assistência judiciária eficiente den-

tro das unidades, trabalho e estudo, conseguiremos mudar o homem. O homem pode muito bem mudar e fazer uma nova caminhada na vida”, ponderou.

Para ela, que já foi integrante do CNPCB (Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária) e conheceu grande parte das unidades penais do país, embora ainda tenham várias deficiências, a PIG e o Crag realmente represen-

tam sistemas avançados. “Quando esse trabalho foi começado aqui, em 2000, os serviços eram terceirizados. Com a retomada do governo sobre todos os setores da PIG, todos os problemas presentes no Estado, como a falta de profissionais, começaram também aqui. Hoje não tem médico, psiquiatra e psicólogo, por exemplo, mas mesmo assim conseguimos fazer o trabalho necessário”.

SISTEMA PRISIONAL NO PARANÁ

| | | |
|--------------------------|--------|------|
| População carcerária | 35.737 | 100% |
| Nas penitenciárias | 20.126 | 56% |
| Homens | 32.675 | 91% |
| Mulheres | 3.062 | 9% |
| Em laborterapia | 4.466 | 12% |
| Em atividade educacional | 4.086 | 11% |

Fonte: Depen/Infopen – Mês de referência: setembro/2011

Aproveite esta comodidade, compre sua passagem pela internet.



Educação e trabalho lideram recuperação dos internos

Harald Essert
Guarapuava

A reintegração social dos presos nas penitenciárias de Guarapuava utiliza dois métodos principais: o trabalho e a educação, através das indústrias e das salas de aula instaladas nas dependências da PIG e do Crag. O objetivo é proporcionar aos internos, enquanto estão em custódia do Estado, mais cidadania e qualificação para o trabalho do que tinham ao serem presos. Além disso, como ficam menos nas celas e passam mais tempo ocupados, os apenados tendem a ser disciplinados e cooperativos.

A partir do momento em que são incorporados ao regime fechado (na PIG), os apenados têm direito a se matricular nas aulas. É possível cursar o ensino fundamental, desde a alfabetização, até o ensino médio. Está em estudo um projeto para inserir alguns cursos superiores ou de nível técnico, através de parceria com a Unicentro, no modo de educação à distância. Até sair do regime semiaberto, o preso tem direito a cursar as aulas.

“Hoje, é inadmissível que aqui entre um preso analfabeto e que, ao sair, ele ainda não saiba ler e escrever. O Estado tem por obrigação fornecer o estudo a ele, e aqui nós conseguimos lhe proporcionar isso”, afirmou o diretor da PIG, Anderson de França Uchak.

Em relação ao trabalho, já houve um número maior, mas atualmente são duas empresas privadas conveniadas ao governo que funcionam dentro dos presídios. Ambas fabricam EPIs (equipamentos de proteção individual), sendo que uma produz luvas e a outra calçados de segurança. Havendo vagas, os presos podem trabalhar nessas empresas durante todo o cumprimento da pena no regime fechado e semiaberto. A empresa que produz calçados também absorve a mão de obra dos apenados que evoluem ao regime aberto, em um barracão no bairro Industrial, nas proximidades da penitenciária.

Essas indústrias empregam aproximadamente 75% dos internos, que contam com uma série de benefícios. Eles têm o di-

reito legal a três quartos de salário mínimo como remuneração (que é enviada às suas famílias), além de receberem qualificação profissional.

Além dessas empresas, os presos podem trabalhar ainda nos campos internos – como na manutenção do presídio, na lavanderia e na cozinha. Essas funções, no entanto, não são remuneradas, dando direito apenas ao pecúlio do Estado, num total de R\$ 30 por mês. Esse valor está sendo revisto pelo governo.

Qualquer trabalho na penitenciária resulta ainda na remissão da pena, sendo que a cada três dias de serviço é descontado um dia da pena. A remissão também vale para quem estuda, sendo que cada 12 horas de aula reduzem um dia de pena. Como são quatro horas de aula por dia, a razão de remissão ocorre no mesmo ritmo do trabalho, de três dias de estudo para cada dia de pena a menos. E os apenados que fazem as duas coisas têm direito a dupla remissão – dois dias a menos de pena a cada três dias de trabalho e estudo.

Atualmente cumprindo pena no sistema aberto, o apenado Lindomar Junior de Lima trabalha na fábrica de botinas desde que entrou na PIG. Para ele, o trabalho oferecido dentro do sistema penal é uma oportunidade ímpar para os ex-criminosos mudarem de vida. “Mas tem que ter o esforço da pessoa, também. A empresa vai selecionando os internos por merecimento, aqueles que mostram serviço. É uma grande chance, o primeiro passo para ter uma vida melhor na rua”, contou.

Casado e por enquanto sem filhos, Lindomar afirma a importância da remuneração que recebem os presos pelo trabalho. “Além de deixar a gente com a mente ocupada, e também pela remissão, é um dinheirinho que ajuda a nossa família, que está esperando lá fora”, comentou. “A maioria comete o crime pela necessidade, pela falta de oportunidades. Mas daqui saímos preparados, aperfeiçoados para o trabalho”, concluiu. Em 2011, ele terminou o ensino médio, e então pretende prestar vestibular para agronomia, aproveitando que está no regime aberto.



Na PIG e no Crag, 94% dos presos estão matriculados no ensino fundamental ou médio. Nenhum egresso sai analfabeto

Recuperação

Um dos internos, Frederico Kirschner, preso há cerca de seis anos, também contou à reportagem como o sistema de reintegração social o ajudou a ter outra percepção do mundo. Natural de União da Vitória, sua família mora em Píñhã e o visita regularmente enquanto aguarda o fim da sua pena, que atualmente ainda segue em regime fechado. Ano passado, ele concluiu o ensino fundamental e trabalha na fábrica de luvas.

Antes de ingressar na PIG, Kirschner foi para uma penitenciária em Curitiba, onde experimentou as dificuldades dos sistemas prisionais comuns. “Lá, eu tinha que escolher se iria trabalhar ou estudar, então trabalhei. Mas eram poucos dias de serviço no mês, não era todos os dias, com horário certo como aqui. E eu só recebia o pecúlio. Passávamos a maior parte do dia na cela”, contou. Além disso, lá ele vivenciou o perigo das prisões sem segurança. “Aqui, além do estudo e do trabalho, não tem facção criminosa, todo mundo trabalha, tem disciplina. Aqui não tem celular, não tem droga, não tem faca, ao contrário de lá, onde tem morte e rebelião. Aqui é outro mundo”, relatou.

Para ele, as atividades educacionais são fundamentais no processo de recuperação. “Peguei o gosto pela leitura, desde que estou estudando. Tem

uma biblioteca boa aqui. Os professores também são muito bons, não só pelo conteúdo, mas pelas mensagens que nos passam”.

“Nem sempre as pessoas cometem crime pela necessidade, e a minha fi-

cha também é um pouco extensa. Mas é certo que a grande maioria comete o crime com a certeza da impunidade. A prisão também é a punição, a correção”, acrescentou Kirschner. “Com certeza,

hoje posso dizer que sou uma pessoa melhor do que quando entrei. Bem melhor do que seis anos atrás. Se sáísse hoje, estaria saindo com outros pensamentos, com outra maneira de ver a vida”, concluiu.

MITSUBISHI L200 TRITON 2012 FORÇA E RESISTÊNCIA DE VERDADE.

CÂMBIO AUTOMÁTICO E MANUAL

NOVO PAINEL DE INSTRUMENTOS ACABAMENTO EM COURO

WWW.SEVENMITSUBISHI.COM.BR

Rua Visconde de Guarapuava, 1429 - Esquina com AV Moacir Julio Silvestri | Fone: 3036 1415

FERRAMENTAS 2W

EPI
BROCAS
ABRASIVOS
PEÇAS
ACESSÓRIOS
MANUTENÇÕES
ASSISTÊNCIA
ENTREGAS

LOCACAO DE EQUIPAMENTOS
ROÇADEIRA A GASOLITA 4T
PROMOÇÃO
R\$ 20,00 POR DIA DA SEMANA
R\$ 35,00 FIM DE SEMANA

(42) 3035-3628
FERRAMENTAS2W@HOTMAIL.COM.BR
RUA SALDANHA MARINHO 2110 SL 01

Restaurante

Casa Vecchia,
do jeito que você quer,
do jeito que você gosta!

TEL.: (42) 3035-5800
Rua Vicente Machado, 1289 - Centro
CEP 85010-260 - Guarapuava - Paraná

Restaurante

CASA Vecchia
RESTAURANTE